

I TEATRO

Oficinas de companhias do DF com jovens das cidades viram série de espetáculos na 508 Sul. Trabalho motivou veteranos e iniciantes que querem formar grupos amadores

Alethea Muniz
Da equipe do **Correio**

Eudes Leão foi ao primeiro encontro sem contar nada à família. Estimulado pelos amigos Jaime Sousa e Túlio da Silva, percorreu 20 minutos de ônibus até a oficina de teatro ministrada pelo grupo Mistura Íntima Dell'Arte, no Novo Gama (GO). Lá, soube que seriam quase quatro meses de trabalho. Ficou preocupado: "Achava que minha mãe ia brigar porque tinha esse negócio de (pagar) passagem."

Para surpresa do rapaz de 16 anos, que acaba de terminar o 2º ano do ensino médio, a mãe Madalena adorou a idéia. "Eu não tive oportunidade de fazer nada assim e sempre tive vontade que um deles fizesse", conta a baiana, que mora há dez anos na cidade. Madalena conhecia a arte dramática da televisão e nunca tinha ido ao teatro. O primeiro espetáculo foi a estréia do filho no último sábado, em *Buia*, pela mostra das oficinas oferecidas por sete grupos do DF.

Dona Madalena não era a única da família na platéia do Teatro Galpão (Espaço Cultural Renato Russo, 508 Sul). A turma toda estava lá: pai, irmã, cunhado, irmão, namorada do irmão, irmã caçula e amigo. Vestido de palhaço, o rapaz procurava não olhar para os parentes. "E a vergonha?", justifica. Ao final da série de *gags*, recebeu abraços e elogios. "Não imaginava que ele ia dar conta. Achei legal demais! O pai dele riu o tempo todo", conta Madalena.

No começo, confessa Eudes, pensava que esse negócio de ser palhaço não era com ele. Foi ficando para ver até onde ia e hoje exibe com orgulho a camiseta que diz: "Sou palhaço". O colega Jaime, 19 anos, diz que se interessou pela oficina porque seria oportunidade de perder a timidez. Túlio, por outro lado, sempre gostou de atuar nas peças da escola. Nenhum dos três, no entanto, tinha visto espetáculos fora da escola, assim como boa parte dos alunos. "Alugamos uma van e levamos o pessoal para ver peças, porque tinha gente que não conhecia a caixa cênica", conta Xico Costa, diretor do Mistura Íntima Dell'Arte.

CRÍTICAS SOCIAIS

Como os três amigos, algumas dezenas de pessoas subiram ao palco pela primeira vez graças ao projeto Teatro em Movimento, que reúne os grupos Cooperativa de Atores, Piramundo, O Hierofante, Celeiro das Antas, Mistura Íntima, Bagagem e Mamulengo Presepada. Agora, as apresentações continuam pelas cidades. "Só uma apresentação não amadurece o trabalho, então queremos levá-lo para as ruas", afirma Pablo Peixoto, de O Hierofante, que dirigiu *Quem Matou Zefinha?*.

A peça fez críticas diretas ao Governo do DF e brincou com os casos Nicolau e Luiz Estevão, na saga de família humilde em busca da casa própria. Diretor de *Um Dia de Príncipe*, Moisés Vasconcellos defende que o projeto, mais do que oferecer oficinas, "tem uma responsabilidade social". Essa primeira etapa já rendeu alguns frutos. De Sobradinho, por exemplo, a oficina oferecida pela Cooperativa de Atores originou o grupo Maracá. "Mesmo que esse projeto tenha acabado, vou continuar com eles", afirma o diretor Ricardo Gutí. Outro exemplo é

Primeiro movimento



ESPETÁCULO *QUEM MATOU ZEFINHA?*, FRUTO DO INTERCÂMBIO ENTRE O GRUPO O HIEROFANTE E JOVENS DO NÚCLEO BANDEIRANTE: PEÇA VAI CORRER AS CIDADES

ANÁLISE DA NOTÍCIA

Força para os amadores

Na maratona de apresentações do Teatro em Movimento, o que menos interessou foi o apuramento técnico e estético dos espetáculos. É claro que aliar a primeira experiência

de jovens no palco com resultado cênico positivo seria perfeito. Independente da qualidade de cada uma das oito peças, o projeto foi vitorioso por fomentar o teatro local.

O intercâmbio entre grupos profissionais do DF com jovens com afinidades para as artes cênicas fortalece o mercado, tanto no aspecto artístico,

quanto no político. A julgar pelo entusiasmo dos profissionais e atores estreantes, essas oficinas têm potencial de gerar núcleos de produção nas cidades, a exemplo do que já ocorreu em Samambaia e Sobradinho.

Por trás de uma praça teatral forte costuma existir uma cena amadora fervilhante. Esse é o caminho que projetos co-

mo o Teatro em Movimento pode traçar. Com a multiplicação de grupos amadores, o mercado amadurece, as companhias mais antigas se oxigenam e criam um cenário cada vez mais profissional, despertando a atenção dos patrocinadores locais, alguns ainda receosos de investir no teatro da cidade. (A.M.)

o grupo Girassol, resultado da oficina do Mamulengo Presepada em Samambaia.

As oficinas para a comunidade formam um dos braços do projeto, que busca interação e força entre os grupos de teatro. Até o final de janeiro, a intenção é formalizar a cooperativa brasileira de teatro, associação de atores profissionais. Tal organização vai ajudar, com representação jurídica, os grupos locais. "Em São Paulo, a cooperativa é forte politicamente", afirma

Márcio Menezes, da Piramundo.

Na próxima segunda, os sete grupos se reúnem para avaliar o projeto. Sabe-se que há intenção de buscar parcerias também na iniciativa privada (além do Ministério da Cultura). O apoio das administrações regionais também será fundamental para evitar coisas como ensaios ao ar livre ou troca-troca de espaço, como ocorreu em algumas cidades. Também imagina-se sistema de ajuda no transporte, para estimular os alunos carentes.

O PROJETO

O movimento de teatro de grupo começou no início deste ano, com sete companhias locais, todas de consistente trabalho teatral. Recebeu verba (R\$ 75 mil) do Ministério da Cultura, depois de emenda parlamentar apresentada pelo deputado federal Geraldo Magela (PT/DF) no orçamento da União. Em agosto, os artistas começaram as oficinas em sete diferentes cidades do DF, nenhuma no Plano Piloto. A finalidade, no entanto, não é atuar na linha arte-educação e sim criar espaço comum aos grupos locais, assim como formar artistas e platéias. Nessa primeira etapa, a intenção era realizar mostra com 14 peças — metade resultado das oficinas, metade trabalhos dos próprios grupos, o que não foi possível nesse projeto piloto.